



# *Asas* — — a Raízes

Christus Nóbrega — Gê Orthof — José Patrício — José Rufino —  
Leila Danziger — Monica Mansur — Neno del Castillo —  
Rosana Ricalde — Xico Chaves — Zalinda Cartaxo

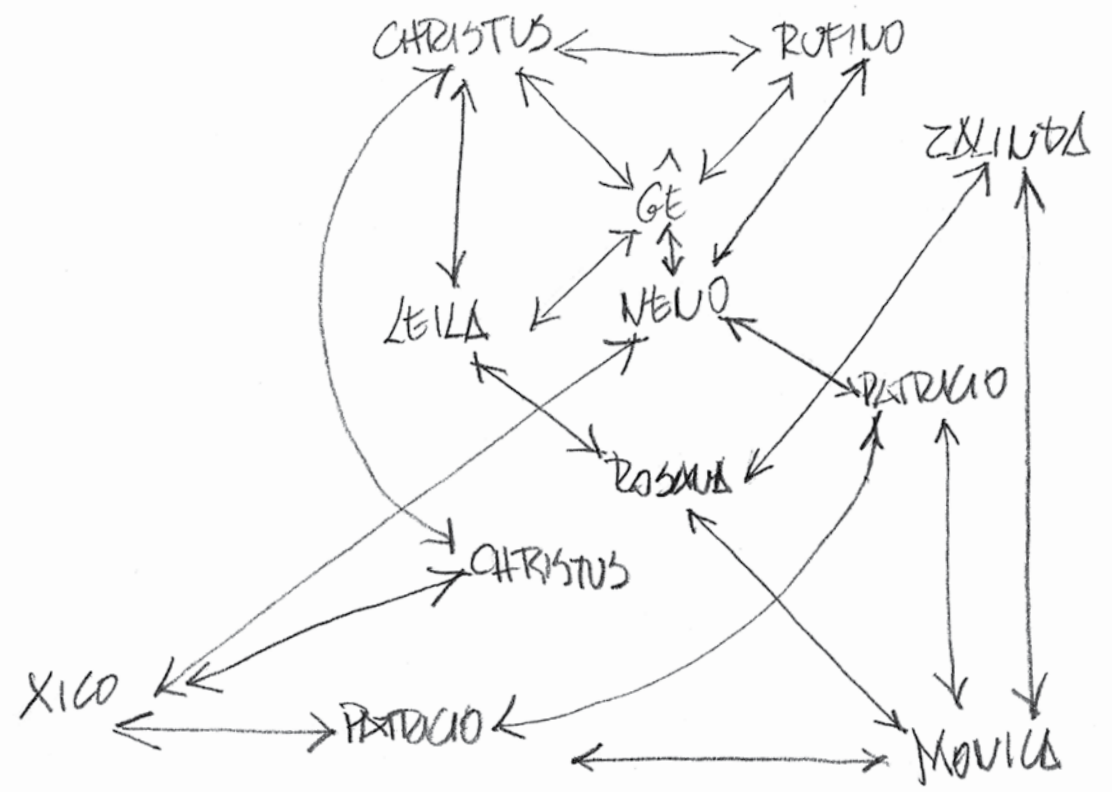
CURADORIA Sonia Salcedo del Castillo

A CAIXA é uma das principais patrocinadoras da cultura brasileira e destina anualmente mais de R\$ 60 milhões de seu orçamento a patrocínio de projetos culturais em espaços próprios e de terceiros, com mais ênfase em exposições de artes visuais, peças de teatro, espetáculos de dança, shows musicais, festivais de teatro e dança em todo o território nacional, bem como no artesanato brasileiro.

Os projetos são escolhidos mediante seleção pública, uma opção da CAIXA para tornar mais democrática e acessível a participação de produtores e artistas de todas as unidades da federação, e mais transparente para a sociedade o investimento de seus recursos em patrocínio.

A exposição *Asas a Raízes* reúne na CAIXA Cultural Rio de Janeiro obras de dez artistas contemporâneos de renomada atuação no circuito das artes, que dialogam, à revelia da aparente incomunicabilidade de meios.

Ao trazer para o público carioca mais essa exposição, a CAIXA reafirma sua política cultural de estimular a discussão e a disseminação de ideias, e de promover a pluralidade de pensamento, mantendo viva sua vocação de democratizar o acesso à produção artística contemporânea.



*É importante  
ter raízes,  
mas não menos  
possuir  
asas*

SONIA SALCEDO DEL CASTILLO

ASAS A RAÍZES põe em pauta a convivialidade de trabalhos de distintos meios, mediante obras assinadas por dez artistas interessados no binômio memória-imaginação que, aqui como na vida, motiva nossas escolhas. A produção de Christus Nóbrega, Gê Orthof, José Patrício, José Rufino, Leila Danziger, Monica Mansur, Neno del Castillo, Rosana Ricalde, Xico Chaves e Zalinda Cartaxo indica essa linha de pensamento.

A aparente incomunicabilidade entre esses artistas termina por encontrar diálogo. Se imagens e materiais estão por toda parte e ao artista cabe dar destino às coisas do mundo, operando por desvios, o conjunto aqui reunido termina por encontrar correspondências da materialidade à imaterialidade da *poiesis*.

Como desenvolvimento curatorial, três segmentos são sugeridos: poderíamos dizer que obras como as de Monica, Zalinda e Christus operam sobre imagens. Os trabalhos de Patrício, Gê e Neno investigam mais o espaço. Contudo, tanto aquelas quanto estes, assim como as produções de Xico, Rosana, Rufino e Leila, se ocupam de uma substância

impalpável do mundo, para a qual a poesia viabiliza uma reflexão natural entre o conjunto exposto e o entendimento imaterial das coisas.

Pinturas, gravuras, desenhos, fotografias, vídeos, objetos, intervenções, performances e instalações podem sugerir ou deixar-nos perceber o caráter híbrido da arte dos dias de hoje, mas não só. Entre diferenças e frestas constrói-se uma escrita intervalar convergente ao discurso curatorial, desejoso de sublinhar a existência de um espaço de *expoiesis*, metaforicamente.

Tendo como leitmotiv a liberdade, *Asas a Raízes* apresenta trabalhos elaborados para locais sugeridos. Exemplos são vários: a instalação com folhas secas, produzida por Christus Nobrega para a escada do foyer; o *work in progress* de objetos mundanos, idealizado por Xico Chaves para a área entre os bancos no térreo; também no foyer, as camuflagens de uma das colunas estruturais do prédio, graças a adesivos composicionais, matematicamente 'calculados' por José Patrício, ou a lançada por Monica Mansur, mediante panoramas fotográficos adesivados sobre um

dos painéis de vidro. Também dentro da galeria propostas *in situ* foram feitas e especialmente para a mostra, como a de Neno del Castillo, que, recorrendo a sucessivas estacas de madeira, escariações e anotações em torno do pilar central da galeria, remete ao binômio segurança-instabilidade; e a instalação de Gê Orthof, qual passagem imaginária colorida e luminosa de infindos e delicados detalhes, ligando dois livros-atlas: o da Europa ao da América Latina. Ou o vídeo de Zalinda Cartaxo que, na sequência e dobra das ondas de Cascais, versa sobre os 'deslimites' em arte. Igualmente líricas são obras expostas pela primeira vez, como é o caso das telas-poemas de Rosana Ricalde e da ambientação criada por Leila Danziger que, ao trabalhar com agendas, deseja reorganizar o tempo, repensando a existência humana.

Independentemente do ineditismo, porém, o conjunto exposto desperta interesse por possuir um tipo de frescor que responde à liberdade criativa sugerida, sem, contudo, renunciar ao desafio da convivialidade pretendida pela curadoria, como, por exemplo, a escultura e monotípias de José Rufino, escolhidas em acervo.

A construção dessa mostra tem, portanto, a ideia de poesia expandida incorporada como alternativa imaginária, superadora de categorias, meios ou linguagens, capaz de indicar, a cada proposição artística, um processo cumulativo acessível ao espectador dentro ou fora da galeria, por empatia — dado que amplia a capacidade do público de criar subjetivações e dota o lugar expositivo de caráter textual em distensão.

Ao explorar entre linhas poéticas, independente de rigor formal ou conceitual, voltando-se para a harmonização de cores, escalas, espaços, volume e materialidade, a expografia ganha força de escritura no espaço, reafirmando o conceito curatorial — aqui, bem entendido, interessado menos em semelhanças do que em diferenças, como na construção de um acorde, que, mesmo dissonante, realça e harmoniza sons e timbre distintos.

Sob a forma de participação especial, contribuições enfatizam esse intento, reforçando a ideia de miscigenação poética: a de Carol Marim que mescla filosofia e dança, em série de performances, intitulada *Vestindo peles*,

assim como a de Alexandre Dacosta, que articula poesia, música, cena e visualidade, à maneira da canção de sua autoria, "Aza de raiz". Entretanto, não menos enfáticas foram ações espontâneas que distenderam aquela ideia de hibridização, como os diálogos sonoros entre cordas e teclado, realizados por Dacosta, Xico Chaves e por mim. Sim! ao piano, nossa simbólica lira. Forte, na entrada, asa e sorriso abertos, a guardar nossa liberdade poética. Afinal, quem diante dele não almeja aventurar-se de dó a si ou ao contrário?

Adentrando o espaço institucional, o visitante é tomado por generosa transparência, superadora da habitual hermética opacidade de que, em geral, são dotadas as exposições. E essa se torna sensação instigante ao entendimento e portanto a relações.

De um lado rastros urbanos, rizomática 'urbanicidade', microcaos de cacos e arqueologias citadinas ou apenas pura poesia mundana... *COMPRO OUTRO*, de Xico Chaves, é essa reinvenção poética visual da banalidade cotidiana dos objetos de ambulantes, camelôs e passantes. Mas também

ode à memória histórica da cidade do Rio de Janeiro, que guarda, surdas, sob as camadas asfálticas lembranças temporais de cantaria e barro da rua Larga, avenida Rio Branco, rendida ao crescente progresso viário...

Ao fundo, num voo ao infinito, através da progressiva geometria da coluna *Sem título*, de José Patrício, nosso olhar quase se perde... Vibração volátil e igualmente tátil alude a ritmos em preto e branco, cujos intervalos, modulações e intensidades se veem, mas não se ouvem. Difícil conter o olho que verticalmente percorre aquelas linhas, qual pauta musical vertiginosa, lançando-nos ao eco do vazio de um pé-direto de mais de dez metros. Pequenos, almejamos o topo daquela coluna, mas eis que por trás dela uma espécie de 'clave' arquitetônica altera o intervalo de nossa escala, trazendo-nos de volta ao chão.

Ao centro, a escada helicoidal nos conduz em sinuosa descida abismal... Qual folha em rodopio louco rumo ao solo, nos rendemos, leves, à gravidade, como transcendente espírito que de repente retorna ao corpo no despertar de sono inquieto. Não por acaso é assim que

nos familiarizamos com a obra da série Há quantas noites eu não durmo, de Christus Nóbrega. Um desenho-escultura-instalação de folhas, formas e matizes diversos, feito espelho ou vestígio de nossa sombra, que ganha volume de ser-casulo aprisionando asas, sensivelmente, pousado sobre piso e escaninhos do espaço térreo daquele grande caracol.

Onírico plano da invenção flerta com aquilo que pensamos ver, ampliando nosso horizonte, de maneira fantasiosa. 'Impressões' de múltipla gama cromática — do sépia ao magenta — estabelecem uma relação sensual com o espaço expositivo, cumprindo importante papel de harmonização entre o dentro e o fora da expografia. Trata-se da série intitulada Panoramas imaginários, de Monica Mansur, que ao mesmo tempo nos envolve em dúvida e questionamento sobre a ideia de paisagem, enquanto memória ou imaginação, dadas sua escala e feição.

Certa harmonia rítmica insiste em revestir o espaço da exposição... Vez ou outra a sensação de solo/vertigem

nos arrebatada e noções de sobreposição e continuidade tocam nossa sensibilidade, como *Cartas de amor*, de Rosana Ricalde. Interpolam-se os espaços material e mental... A narrativa remete à obsolescência da distinção entre vivido e imaginado. Tempos e situações se sobrepõem... E uma atmosfera de *continuum* espacial começa a se delinear. Não por acaso as cartas datilografadas por um par de máquinas fundem-se num mesmo papel. Não há princípio ou fim, de maneira semelhante, digamos, à figura geométrica de Moebius...

Como naquela fita, enfatiza-se ser plano todo espaço, cuja vivência ou experiência implica deslocamento e, portanto, tempo. Porém, muito mais que mil platôs superam passado, presente ou futuro... De ponto em ponto forma-se a onda quântica... e, assim, resta a pergunta: ainda resistiriam diferenças entre ser e estar? Memória/imaginação movendo escolhas... Escritas, paisagens, passagens, derivas, devires reverberam num ir e vir, dentro e fora da galeria, insinuando-se recíproca e mutuamente através do vidro que a separa do foyer.

Através daquela transparência, já na soleira da galeria, as progressões *crescentes* e *decrecentes*, de Patrício (cujo rigor construtivo de obsessiva matemática medeia acúmulo e ordem), retornam a nossos sentidos como escala cromática passível de se dedilhar num único fôlego, reafirmando a ânsia infinita por coisas do mundo, como puro improvisado ou vibrante fantasia.

Parte cena e outra visualidade, *Acta est fabula*, de José Rufino, toma-nos como surpresa tão delirante quanto estranha. Ao fundo, essa escultura sugere metafórico duelo entre raiz e asa. Diante de nossos olhos, seus elementos, lanças, corda e cadeira, parecem travar uma luta libertadora. Na virilidade do par de lanças que as fere, não há senão a sensação de existir uma enigmática narrativa anterior. Impossível, pois, afirmar quem ou o que se teria libertado. Quiçá o tempo, visto que em volta da escultura, imenso hiato se expande em múltiplas monotipias sobre antigos cartões de ponto presas à parede. Não sem motivo remetendo a vulvas reprodutoras, escoltadas por uma, apenas uma solitária e azul, de semelhança masculina.

Impedimento e porosidade, dúvida e perigo, intervalos e frestas se materializam em nosso embate direto com *Az de Raiz*, de Neno del Castillo. Intervenção arquitetônica que aspira à cidade. No derredor de escoras de madeira alusivas às de construções, inscreve-se outro pilar. Raiz de um objeto de arquitetura, que em onírico desejo o artista sugere seccionar, imaginando, assim, o risco da inclinação de todo o prédio sobre o contexto urbano. O cálculo do engenhoso intento encontra-se, discretamente, anotado sobre a superfície daquele pilar, indicando uma reflexão acerca do estar no mundo como algo análogo a estar-se sobre lâmina afiada, que nos limita entre segurança e instabilidade.

E no âmbito da *expoiesis*, o volume daquelas estacas, remetendo a palafitas, constitui espaços 'entre' que estabelecem permeabilidade, gerando fluidez num conjunto de alteridades, através de profícuas relações e passagens transvesais.

De um lado, *Distensões*, de Zalinda Cartaxo, dobrando e redobrando questões de nossa existência, mediante

o devir das ondas de Cascais... o confronto do mar com a arquitetura é, ao mesmo tempo, pintura e poesia. Imagens fotográficas em sequência cinematográfica, quadro a quadro, pontuadas por escritos de Leonardo da Vinci sobre a água e a pintura, nos transportam a esse espaço sem fronteira... Qual paisagem fluida e mutável, pertinente ao imaginário que, na parede diametralmente oposta às projeções de Cartaxo, está presente nos panoramas impressos em papel vegetal assinados por Mansur, por meio de camadas, planos e ondulações. Ou, no outro lado, inerente à poesia que, nas telas-desenhos-textos, *Mares do mundo*, de Ricalde, distende a escrita (nomes dos mares existentes) em imagem de ondas e matizes de azuis...

Reafirmando a água como caminho ou morada das emoções, *MAR ! ARMAR*, de Gê Orthof é lugar para onde converge a vida traçada como linha-leito, a mesma sobre a qual sabemos ser impossível atravessar duas vezes. Do Danúbio azul ao rio Negro: cores, texturas, navios, canoas, margens, portos, luzes... metamorfozeiam-se em infintos detalhes. Asas e raízes em recíproca visita

sob o risco do vazio. A memória vienense dos Orthof faz-se ar, entre a densidade da terra e a fluidez do mar... À maneira de Nóbrega — que dentro da galeria pontua a dualidade fim/ressurreição repousando sobre o solo (pó) gentil.

Afinal, o que distingue memória e imaginação... história ou invenção? Eis o plano ficcional, sobre o qual transita a poesia... qual alternativa do ser ante o imponderável, tornando lembranças espécies de monumentos...

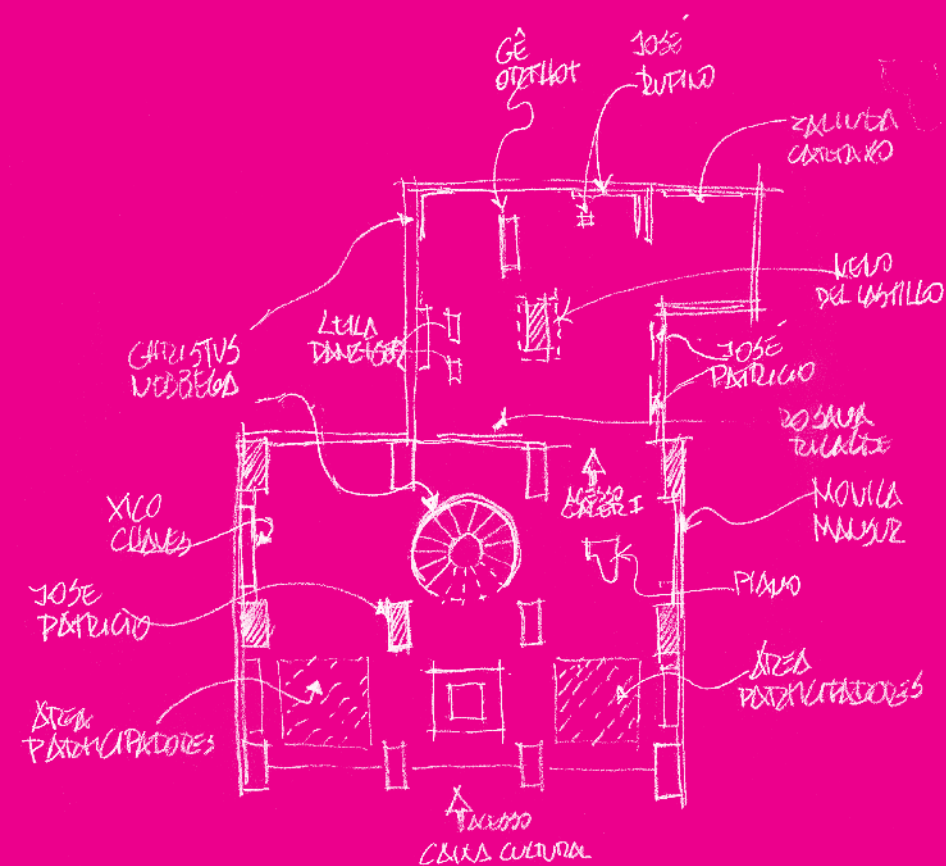
Nesse sentido, somos arrebatados pela ambientação de Leila Danziger, que agrupa uma série de trabalhos, feitos a partir de agendas obsoletas, ora costuradas e fotografadas sob estranha grade disposta na parede, como em *Todos os dias de nossas vidas*, *Setembro* e *É noite*, ora desnudas, miolo ou capa, expostas sobre par de mesas feito vazios e cheios, como em *Ano novo I e II*. Todos convergentes em uma única obra que procura reconfigurar o tempo, conjugando agendas que pertenceram a seu pai a algumas suas. Umas com anotações, outras imaculadas, mas todas misturadas,

segundo lógica sensivelmente subjetiva... Judaico ou gregoriano, ali o calendário vivido torna-se indissociável daquele que permaneceu intacto.

De volta à transparência do vidro, outra vez vislumbramos o piano, na saída da galeria. Sobre ele, um poema-objeto de madeira, uma casinha com raízes, legado da canção de Dacosta. Acima, vaporosa urdidura, como objeto indicial da performance de Marim... E assim, expondo o antes contido, deixando ver dúvidas, processos... reinventando meios, lançando-se, sem medo, numa espécie de abismo poético... e sobretudo miscigenadamente, permitindo viver a irreponsabilidade da criação, se dá *Asas a Raízes*...

Nela, reside uma vontade em delirar entre as obras. Um desejo que, para a curadoria, converge na necessidade de distender esse diálogo, textualmente e de modo a que não se dissolva, para além das paredes em que estão fixadas as obras desses artistas. O discurso curatorial situa-se, pois, no tênue limite daquilo que sugere o título desta exposição: entre o ser e o porvir.

transformar  
arquivo PB em  
magenta



*Asas —  
— a Raízes*









José Patrício  
*Coluna*, 2015  
Instalação. Vinil adesivo sobre gesso.  
Dimensões variáveis





CHRISTUS NÓBREGA  
*Sem título*, 2015  
Instalação. Impressão sobre folhas secas  
colhidas no outono. Dimensões variáveis







MONICA MANSUR  
Série Panoramas imaginários,  
2009–2014  
Objeto fotográfico. Imagens em foto-  
grafia pinhole impressas em adesivo.  
7x50x670cm





ROSANA RICALDE  
Cartas de amor, 2012  
Objeto. Duas cartas de amor e máquinas  
de escrever. Dimensões variáveis



## Asas a Raízes



JOSÉ PATRÍCIO  
*Acumulação progressiva  
decrecente*, 2014  
Peças de quebra-cabeças sobre  
madeira. 179x179cm





José RUFINO

*Acta est fabula*, 2012

Escultura. Corda naval usada  
(camelo), cadeira de madeira  
antiga e madeiras envernizadas.  
270x85x60cm



José RUFINO  
*Sem título*, 2012  
Gravura. Monotipia (têmpera)  
à maneira de Rorschach sobre  
cartões de ponto. 18x8,5cm  
cada



José RUFINO  
*Sem título*, 2002  
Gravura. Monotipia (têmpera)  
à maneira de Rorschach sobre  
papel antigo. 24,5x19,7cm







NENO DEL CASTILLO  
*Az de raiz*, 2014–2015  
Intervenção. Técnica mista.  
Dimensões variáveis





tratar a  
cor para  
ficar pb

imagem  
Rafael  
trata

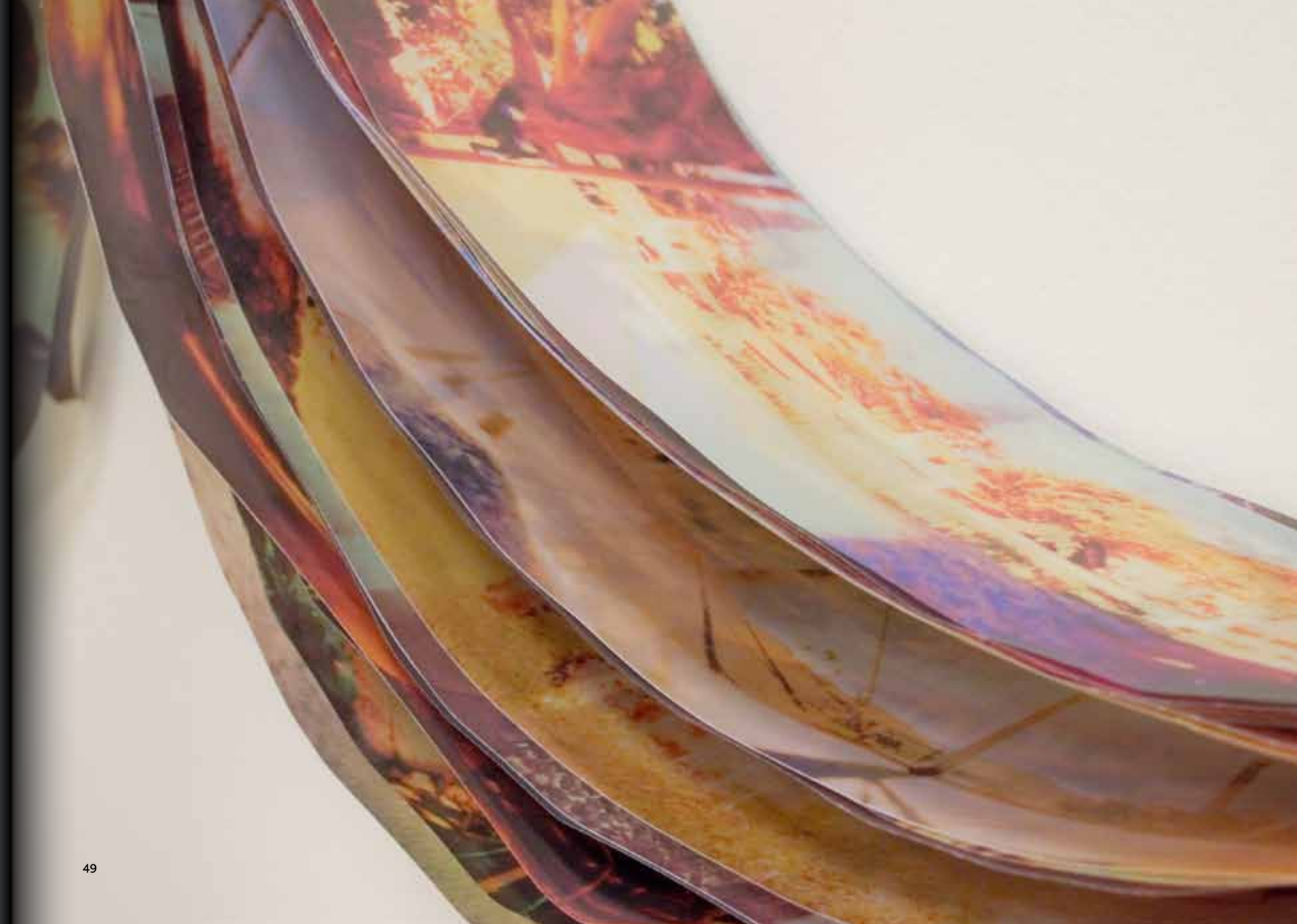
ZALINDA CARTAXO  
*Distensões*, 2015  
Vídeo. 1:38:27  
Legendas. Trechos do *Trattato  
della Pittura* e dos escritos sobre  
a água, de Leonardo da Vinci

tratar  
como cor





MONICA MANSUR  
Série Panoramas imaginá-  
rios, 2009–2015  
Objeto fotográfico. Imagem  
pinhole impressa em papel  
vegetal. Dimensões variáveis





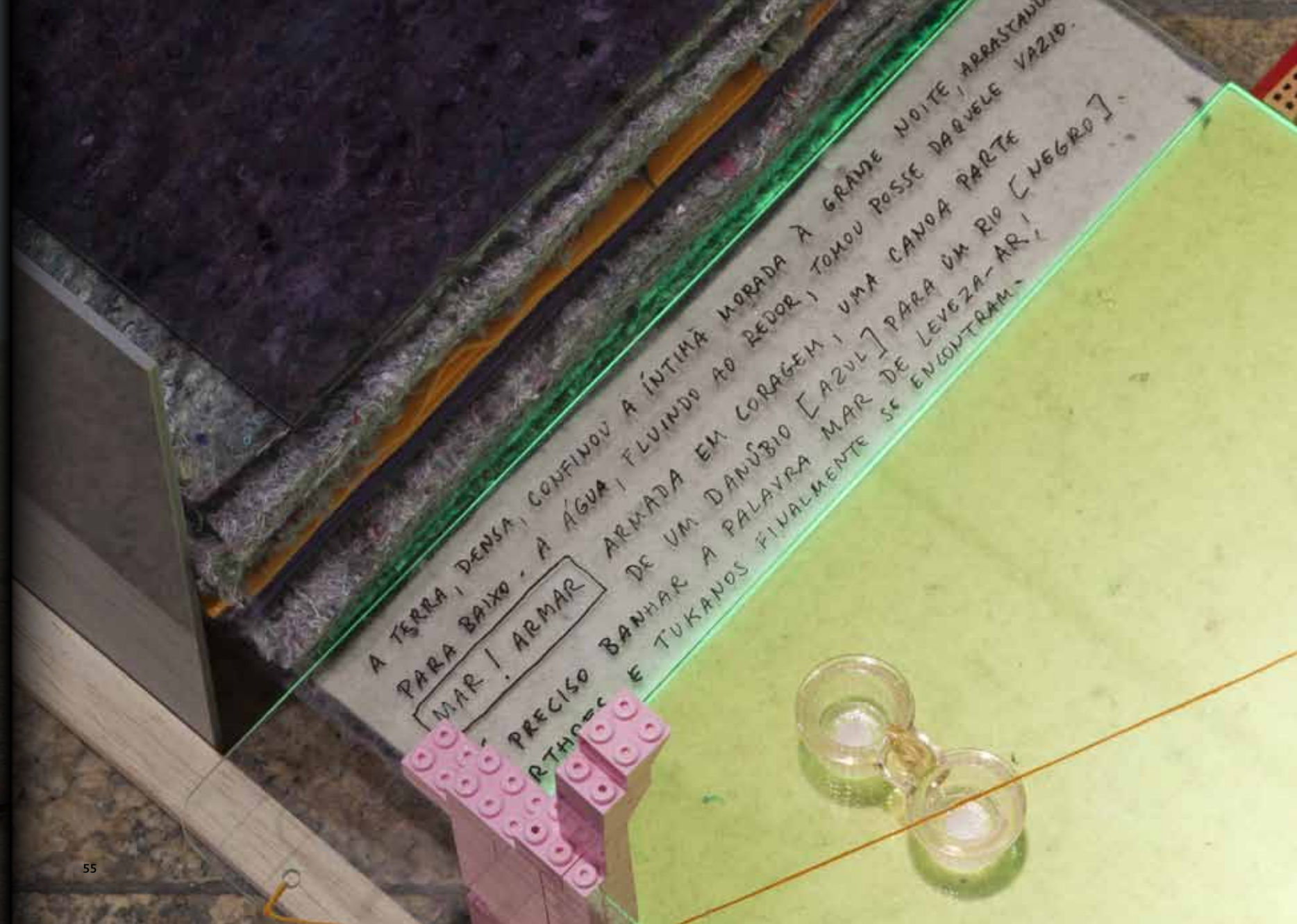
ROSANA RICALDE  
*Mares do mundo*, 2012  
Desenho e pintura sobre tela. Tríptico,  
150x100cm cada





GÊ ORTHOF  
*MAR ! ARMAR*, 2014–2015  
Instalação. Livros-atlas,  
lâminas de feltro, acrílicos,  
leds, fotografias e miniaturas.  
100x90x400cm





A TERRA, DENSA, CONFINOU A ÍNTIMA MORADA À GRANDE NOITE, ARRASCANDO  
PARA BAIXO - A ÁGUA, FLUINDO AO REDOR, TOMOU POSSE DAQUELE VAZIO.  
[MAR | ARMAR] - PRECISO BANHAR A PALAVRA MAR DE LEVEZA-AR!  
DE UM DANUBIO [AZUL] PARA UM RIO [NEGR0] -  
RTH<sup>ec</sup> E TUKANOS FINALMENTE SE ENCONTRAM.



CHRISTUS NÓBREGA  
*Há quantas noites não  
durmo*, 2014  
Fotografia. Impressão sobre  
papel algodão. 85x130cm





**LEILA DANZIGER**

Série Todos os dias de nossas vidas, 2013–2015  
Objeto. Páginas de agendas costuradas sobre cartão.

Setembro, 2013  
Objeto. Agendas costuradas sobre cartão e tecido.

É noite, 2009  
Fotografia. Impressão jato de tinta sobre papel de algodão.

Ano novo I e II, 2013–2015  
Objetos diversos sobre mesa de madeira. Dimensões variáveis



LEILA DANZIGER  
*Ano novo I e II, 2013–2015*  
Objetos diversos sobre mesa  
de madeira. Dimensões  
variáveis







ALEXANDRE DACOSTA  
Canção asa de raiz  
Performance

CAROL MARIM  
Vestindo peles  
Performance

# tentar equalizar cor

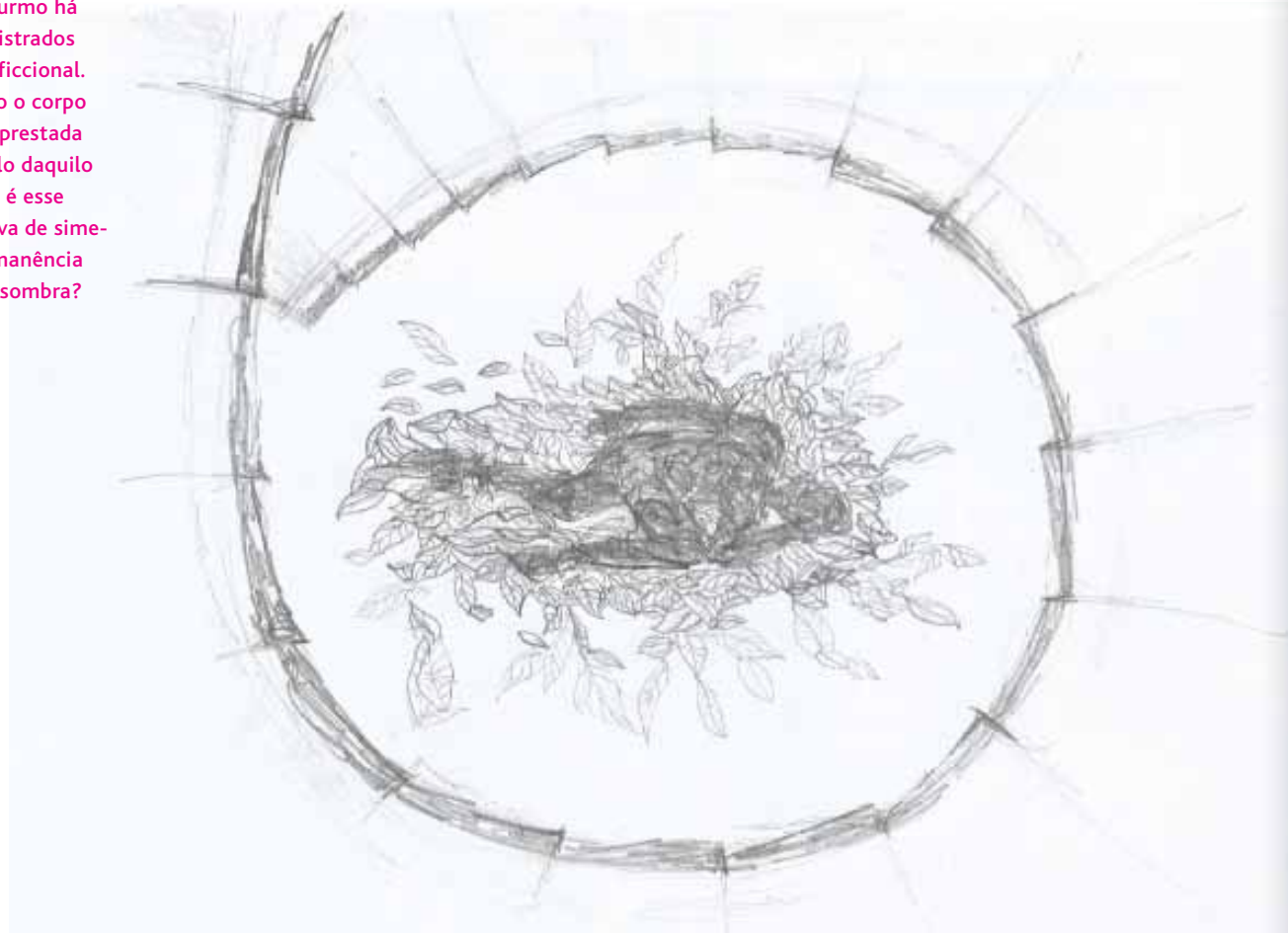


SOBRE OS PROJETOS

# tirar fundo

CHRISTUS NÓBREGA

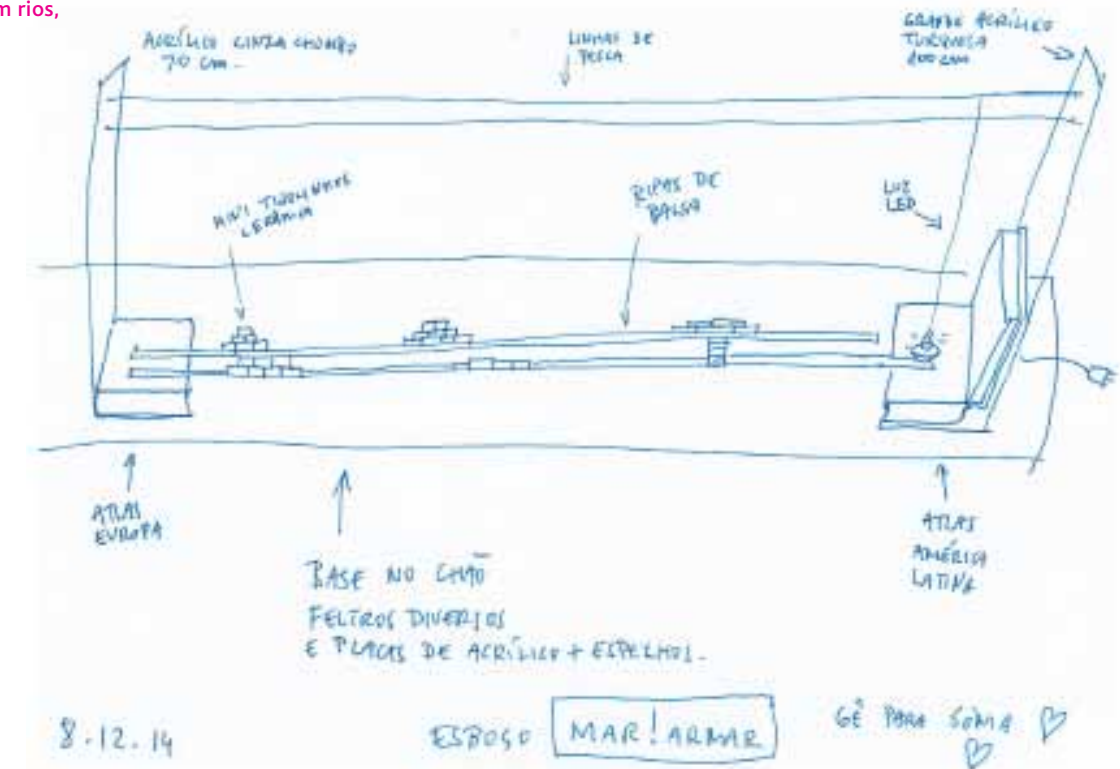
Na série Há quantas noites não durmo há tensão entre peso e leveza administrados em corpo único, fatigado, etéreo, ficcional. Em uma espécie de queda de Ícaro o corpo encontra sua raiz, mesmo que emprestada de outro ser. Se a sombra é o duplo daquilo que luta contra a luz, então o que é esse terceiro que se projeta na tentativa de simetrizar com o sombrio do outro? Imanência de conexão? Desejo de mudar de sombra? Devir de estratificação?



# tirar fundo

GÊ ORTHOF

**MAR! ARMAR.** A Terra, densa, confinou a íntima morada à grande noite e arrastou-a para baixo. A água, fluindo ao redor, tomou posse daquele vazio. MAR! Armada em coragem, uma canoa parte de um Danúbio [azul] para um Rio [negro]. É preciso banhar a palavra mar de leveza-AR! Orthofs e Tukanos finalmente se encontram em rios, risos, riscos e rabiscos.

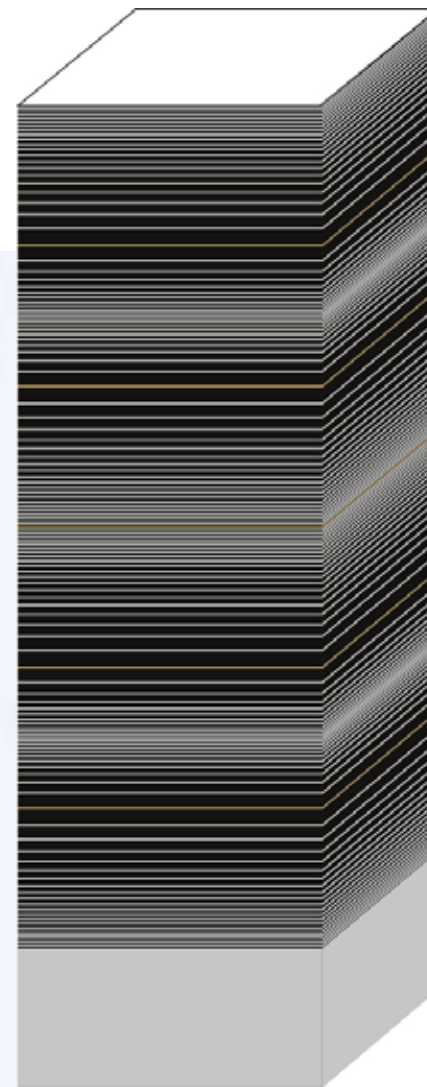
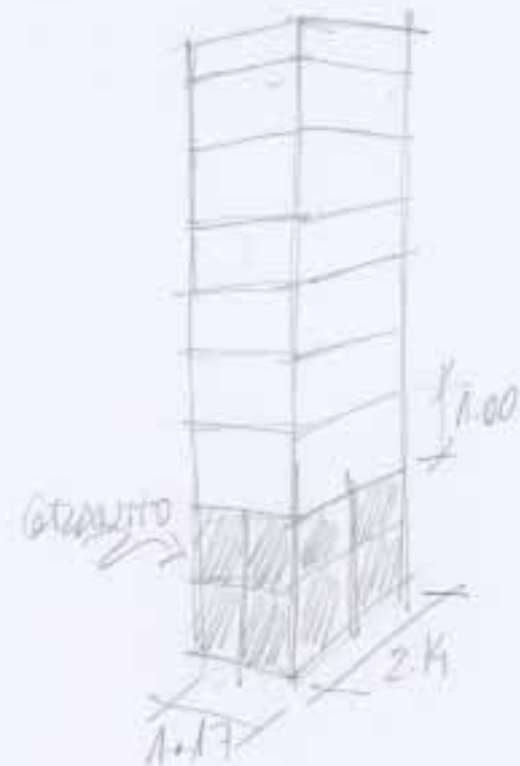


JOSÉ PATRÍCIO

## tirar fundo

*Movimento ascendente:* uma coluna sem fim, estruturada em modulações, ritmos e cadências, ecos musicais. Visualidade que conduz o olhar à deriva a percorrer sequências crescentes e decrescentes, elementos rítmicos da composição que engendram efeitos ópticos, vibrações cinéticas em franco diálogo com o espaço arquitetônico.

*Direções opostas:* duas espirais, cada uma delas rigorosamente estruturada em um todo. De um pequeno quadrado vazio central, dispõem-se com regularidade seus elementos constitutivos. Dinâmica geométrico-construtiva, princípios matemáticos e invenção poética – síntese da vontade da ordem em busca da produção do sentido.



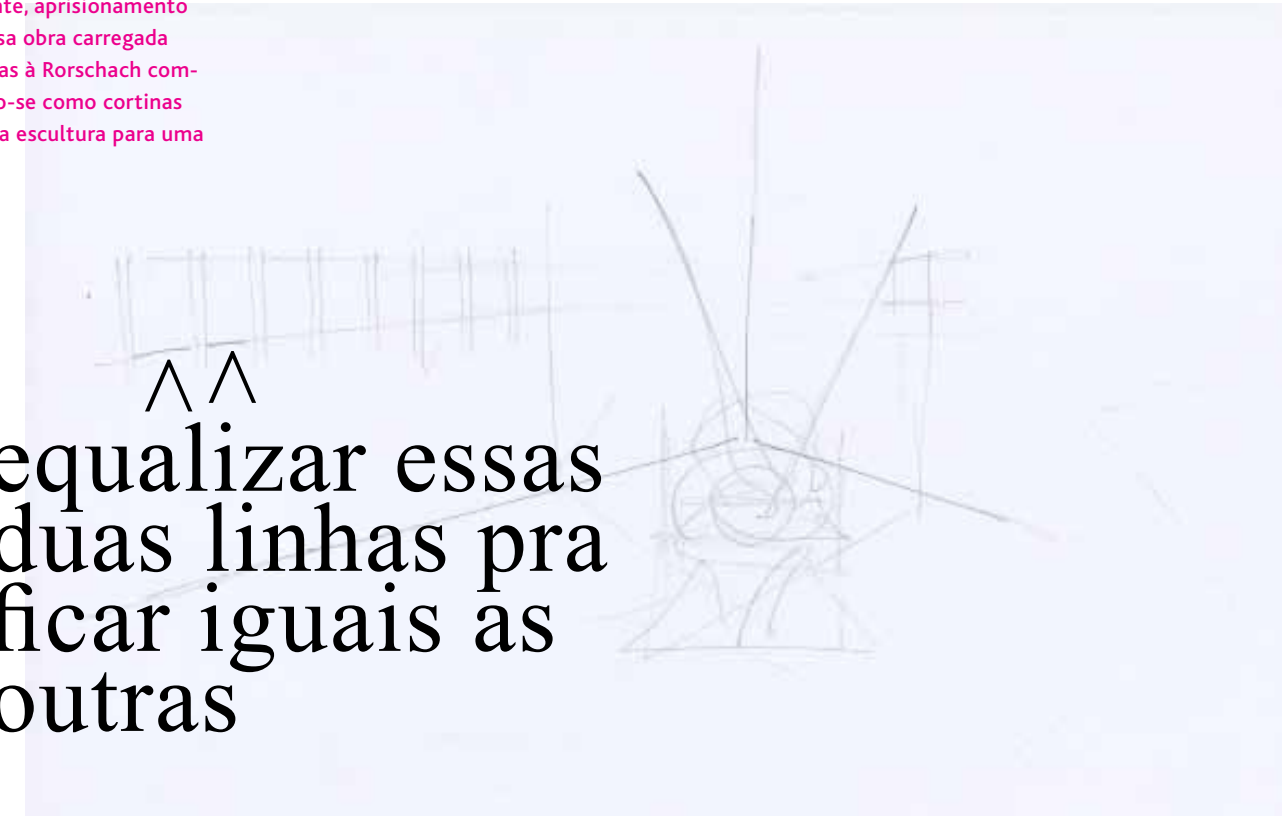
JOSÉ RUFINO

## tirar fundo

*Acta est fabula* é uma espécie de visão endurecida de ato de uma peça teatral. Fragmento de fato, recorte de narrativa que pressupõe história pregressa e epílogo. Grossa corda naval (camelo) enrosca-se como serpente numa cadeira, cuja seda está perfurada por duas hastes, como lanças de Laocoonte, que atingem a matéria dura da cadeira. Passado, presente, aprisionamento e liberdade duelam nessa obra carregada de metáforas. Monotipias à Rorschach completam a cena, rasgando-se como cortinas que desvelam o palco da escultura para uma leitura psicanalítica.

ok

^^  
equalizar essas  
duas linhas pra  
ficar iguais as  
outras



LEILA DANZIGER

(...)  
Solto as páginas das agendas  
libero os dias  
embaralho semanas, meses, anos  
modelo a massa do tempo que foi seu  
— entre 1921 e 2011 —  
um intervalo colossal  
de eternidade humana.

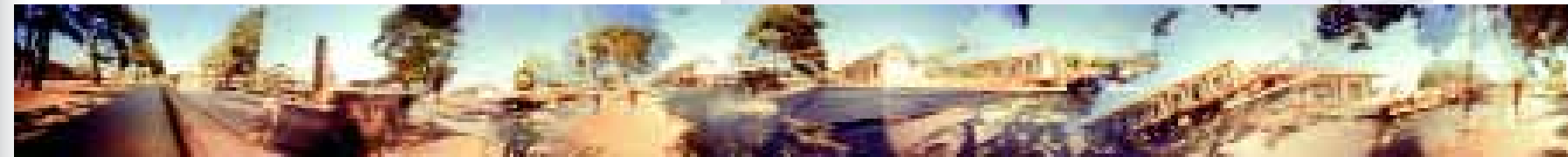
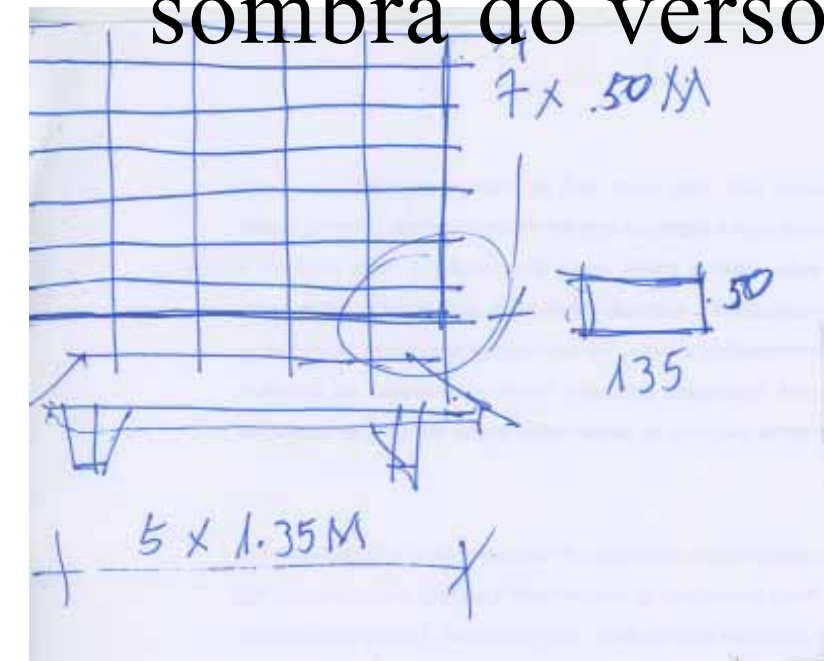
Misturo minhas agendas  
às suas extensões de branco  
sobre branco  
e reservas de futuros intactos  
projetam-se  
para além do fim dos tempos  
que teve início  
em trinta e um de dezembro  
ou cinco de Tevet.  
(...)



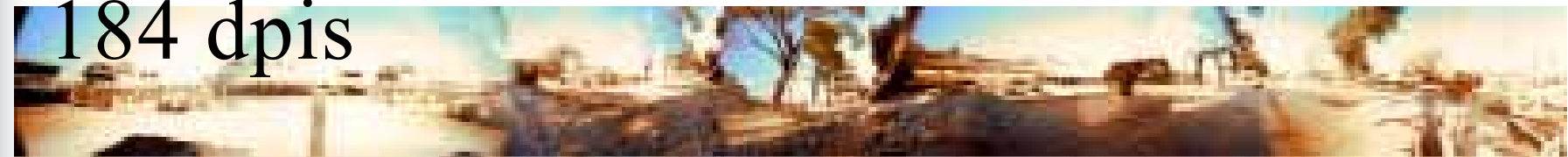
MONICA MANSUR

Nessa série de fotografias captadas por câmara pinhole em filme 120, o negativo recebe por inteiro a imagem trazida pela luz, mediante várias exposições que acontecem durante meu deambular. As imagens são o ir e vir, a sobreposição, a dupla exposição, a inclinação; a construção de paisagem inexistente, inventada; impressões, imitações, ficção; imagens de um tempo sobreposto, composto, paradoxal e recuperado; eterna viagem fantástica em que vou aonde não se pode ir e vejo o que não se pode ver, posto que não existe o que penso ver.

tirar fundo e a  
sombra do verso



184 dpis



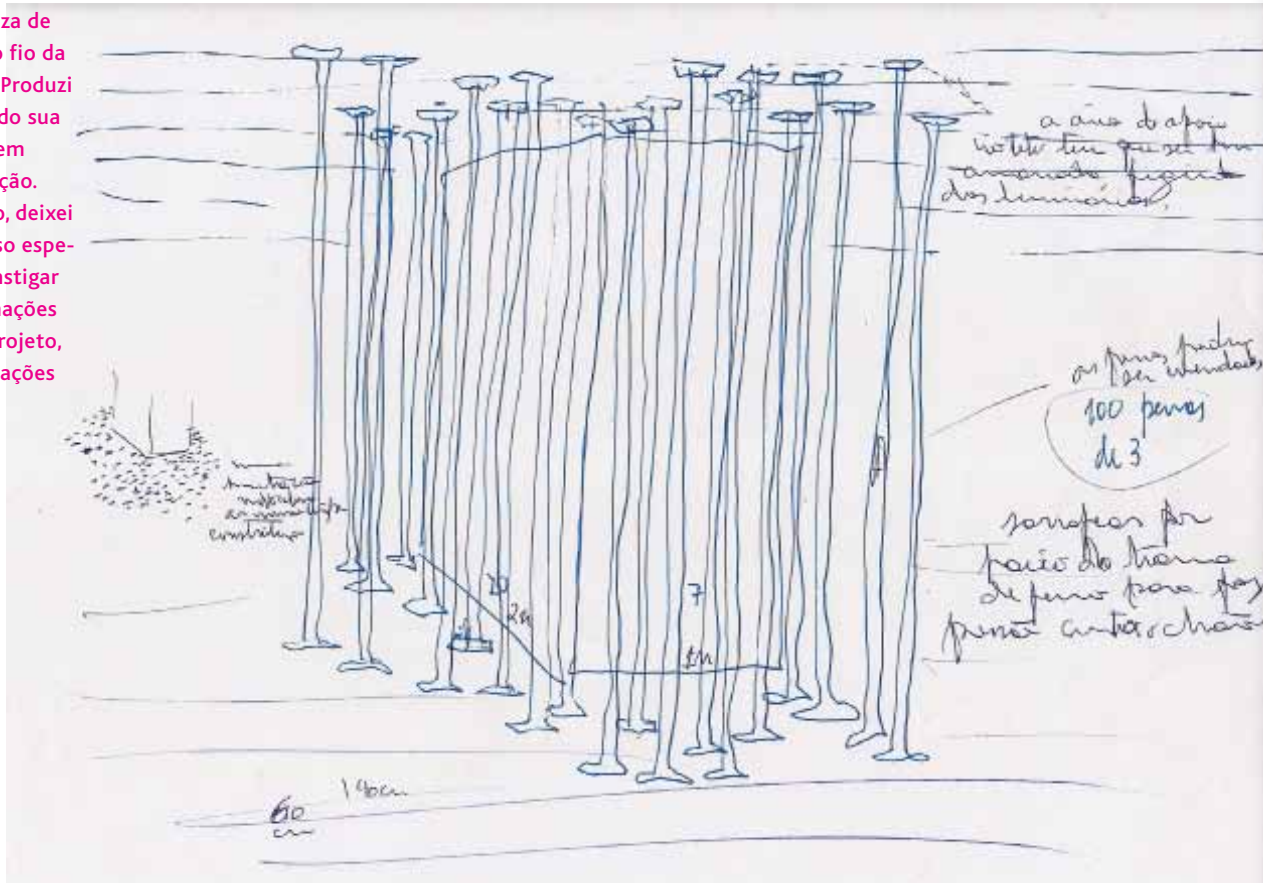
174 dpis



# tirar fundo ok

NENO DEL CASTILLO

*Az de Raiz* aciona um ambiente de dúvida e apreensão, mediante a desativação de um elemento estruturante do edifício público em que acontece a exposição, o que cria seu deslocamento físico e reitera a clareza de que a todo instante estamos sobre o fio da navalha, correndo riscos eminentes. Produzi então objetos e marcas, sensualizando sua materialidade e criando uma paisagem que remetesse ao campo da construção. Conjuntamente a esse procedimento, deixei anotações, sinais sutis desse processo especulativo, de difícil leitura, a fim de instigar o espectador a procurar mais informações para suas especulações sobre esse projeto, que passeia entre estruturas físicas, ações objetivas e insinuações ficcionais.



ROSANA RICALDE

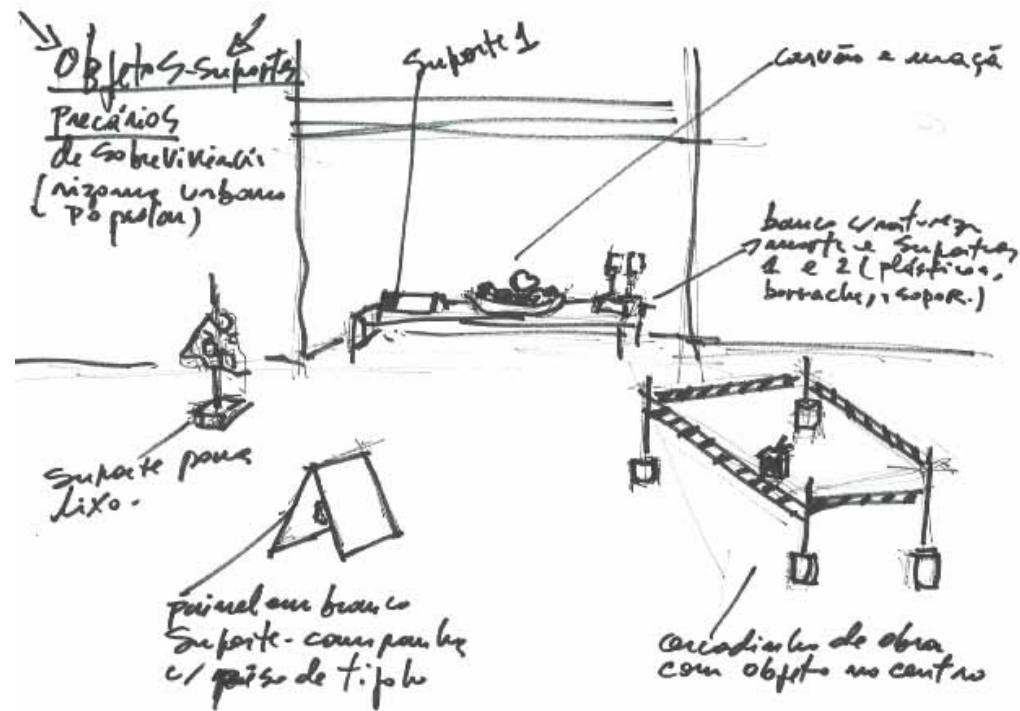
*Mares do mundo* faz parte de uma série de pinturas que já venho fazendo há alguns anos. São ondas que se constroem a partir da escrita dos nomes dos mares; as palavras vão-se amalgamando, formando blocos, linhas que ganham movimento, permitindo a leitura do desenho e do texto.

*Cartas de amor* é obra mais recente e também traz à tona o texto íntimo de duas confissões amorosas, acontecidas em tempos e situações distintas, mas que têm ambas teor similar. A montagem em duas máquinas de escrever sugere que essas cartas podem sobrepor-se e continuar recebendo, eternamente, novos textos.



XICO CHAVES

COMPRO OUTRO incorpora objetos que são utilizados como suporte para o mercado paralelo nas ruas da cidade e materiais encontrados nas escavações das obras da Av. Rio Branco para a implantação do VLT. Sobre esses objetos são realizadas intervenções autorais em substituição aos produtos vendidos marginalmente criados especialmente para a instalação, ressignificando-os e resultando em mensagens diretas e de livre-associação. São poemas visuais ou poemas-objeto que indicam outra interpretação, associados aos fragmentos recolhidos em escavações, interligados e emoldurados nas tramas de cor laranja e fitas amarelo-negras que delimitam as obras da reforma urbana carioca. Formam um conjunto arqueológico temporário. Criam diálogos entre tempos diversos, situações de sobrevivência popular histórica e a arte contemporânea, cujas fronteiras se desfazem e se expandem em todas as direções, formando uma galáxia de signos, interminável e em permanente mutação.



Objetos populares precários / suporte p/ vendas em ruas



ZALINDA CARTAXO

Em *Distensões*, vídeo realizado a partir de sequências fotográficas, à mobilidade incessante da natureza (o mar) contrapõe-se a rigidez das estruturas arquitetônicas dos deques de cimento. As ondas do mar, em sua variabilidade, desenham incessantemente novos e subsequentes lugares e paisagens. A dissolução dos limites – a distensão das formas – é esclarecida por trechos do *Trattato della Pittura* e dos escritos sobre água, de Leonardo da Vinci. A observação depurada da natureza, própria dos pintores e dos cientistas, torna-se, aqui, um convite à reflexão sobre nossa experiência no mundo.



## PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: FOYER

### ALEXANDRE DACOSTA

Escrevi a canção "Asa de raiz" para esta exposição e confeccionei uma casa com raiz, um poema-objeto com a letra pirografada no corpo da escultura. Cantei-a circulando em meio às obras da coletiva com minha viola de dez cordas.

"a asa calibra o voo, é invento, invenção/a raiz equilibra o solo, é intento, intenção/a janela é asa da casa, abre abas em paisagens/também a brecha da porta, abre alas às aragens/a antena da casa é asa, vai longe além do luar/e a chaminé esfumaça, faz o pensamento dançar/a raiz finca pé na palma da planta, seiva escama da cor/aroma que transpira, suplanta, desenho esquema da flor/fértil matriz, me diz que abrigo é casa com teto/fibra motriz, raiz filamento de afeto/a asa calibra o voo, é invento, invenção/a raiz equilibra o solo, é intento, intenção"



### CAROL MARIM

Parte da pesquisa, a série Vestindo Peles tem como proposta costurar paisagens relacionais entre arte, filosofia, música e dança. O objetivo é provocar a experimentação de como o pensamento trabalha, onde a criação começa, como é possível uma política e ética do movimento. De que modo pensar, por meio do movimento, pode alterar o pensamento e a criação de conceitos, coreografias do cotidiano, figurinos e cenários afetivos.



**CHRISTUS NÓBREGA**

João Pessoa, PB, 1976

Doutor e mestre em arte pela Universidade de Brasília, na qual é professor adjunto no Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais, e professor em suas pós-graduações de Artes e de Design. Atuou também como coordenador pedagógico e de extensão no curso de licenciatura em artes visuais (UnB/UAB). No Brasil e no exterior vem participando regularmente de exposições e tem obras em acervos e coleções de arte. Autor de livros e artigos científicos na área. Premiado pelo Programa Cultural da Petrobras (2004 e 2011) e pelo Museu da Casa Brasileira (2004).

[christusnobrega.com.br](http://christusnobrega.com.br)

**GÊ ORTHOF**

Petrópolis, RJ, 1959

Pós-doutorado pela School of the Museum of Fine Arts Boston; doutorado e mestrado em artes visuais pela Columbia University. Professor do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília. Com exposições no Brasil e no exterior, foi indicado, para várias premiações, entre elas o Prêmio Artes Plásticas CNI-Sesi Marcantonio Vilaça, 2014; selecionado para o Prêmio Pipa, 2010 MAM-Rio; conquistou o Grand Prize na 24th Berlin Art Competition, 2011; o Prêmio Funarte 2012; o Prêmio Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais, 2013; e o Prêmio Situações Brasília (artista convidado), 2014, Museu Nacional.

[georthof.org](http://georthof.org)

**JOSÉ PATRÍCIO**

Recife, PE, 1960

Com formação em ciências sociais, é mestre em artes visuais pelas federais de Pernambuco e Paraíba, e estudou na Escolinha de Arte do Recife de 1976 a 1980. Participou de inúmeras exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior, entre elas as bienais de São Paulo (22a), do Mercosul (III) e de Havana (8a). Recebeu prêmios aquisitivos no Salão de Artes Plásticas de Pernambuco (1982), no Salão Nacional de Artes Plásticas da Funarte (1989 e 1991), no Salão de Arte Contemporânea de Pernambuco (1987 e 1992) e no Salão da Bahia (1999).

[josepatricio.com.br](http://josepatricio.com.br)

**JOSÉ RUFINO**

João Pessoa, PB, 1965

Vive em João Pessoa. De início expressando-se pela poesia, passou à poesia visual e, em seguida, à arte-postal e ao desenho, nos anos 1980, realizando ultimamente incursões na linguagem cinematográfica. Impregnada de caráter político, sua obra lida com a dicotomia memória-esquecimento, as investigações mais recentes tratando da irreversível falência do corpo e das memórias. Exposições coletivas, entre elas a 25a Bienal de São Paulo, em vários estados brasileiros e no exterior, compõem seu portfólio, que inclui também individuais em São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

[joserufino.com](http://joserufino.com)

**LEILA DANZIGER**

Rio de Janeiro, RJ, 1962

Graduada em artes visuais pelo Institut d'Arts Visuels d'Orléans, França, é doutora em história pela Puc-Rio, com estágio na Universidade de Oldenburg, Alemanha. Em 2011 realizou pesquisa de pós-doutorado na Bezalel Academy of Arts and Design, Israel. Artista plástica e poeta, é também professora do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisadora do CNPq. Em 2014 realizou mostra individual na Funarte de Belo Horizonte e participou de diversas coletivas. Publicou Três ensaios de fala (7 Letras, 2012), Todos os nomes da melancolia (Apicuri, 2012) e Diários públicos" (Contra Capa, 2013).

[leiladanziger.net](http://leiladanziger.net)

**MONICA MANSUR**

Rio de Janeiro, RJ, 1957

Arquiteta pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, cursou pós-graduação em história da arte e arquitetura pela Puc-Rio e obteve o título de mestre pela Escola de Belas Artes. Frequentou a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde iniciou sua carreira como gravadora. Atua em diversos coletivos, concebeu e coordena vários projetos em grupo, como, por exemplo, o Projeto Diálogo (desde 1996). Atualmente é sócia da Binóculo Produção e Editora. Expõe em coletivas e individuais desde 1989, tanto no Brasil como no exterior.

monicamansur.com

**NENO DEL CASTILLO**

Rio de Janeiro, RJ, 1956

Com licenciatura plena em educação artística pelas Faculdades Integradas Bennett, é mestre em linguagens visuais pela Escola de Belas Artes e doutorando em processos artísticos contemporâneos pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Já atuou como professor, curador e produtor cultural independente, respondeu pelo Setor de Artes Plásticas da Funarte, coordenou o Programa de Artes Visuais no Museu Imperial de Petrópolis; foi diretor assistente da curadoria do setor de Artes Visuais da exposição Euroália.Brásil, Bélgica 2011. Desde os anos 1980 expõe no Brasil e no exterior e tem obras em coleções particulares, entre elas a de Gilberto Chateaubriand.

nenodelcastillo.com.br

**ROSANA RICALDE**

Niterói, RJ, 1971

Bacharel em gravura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde 2000 expõe regularmente, participando de coletivas no Brasil, em Nova York e em algumas cidades da Europa. Parte de sua obra integra coleções institucionais: Coleção Gilberto Chateaubriand, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Coleção Banco Itaú, de São Paulo, e Coleção Sesc-Nacional.

rosanaricalde.com

**XICO CHAVES**

Vila Velha de Tiro, MG, 1950

Em Brasília, forma-se em artes e ciência da comunicação pela UnB/Ceub e é reconhecido, por notório saber, pela UnB no campo das artes visuais, em que pesquisa e realiza projetos de pintura, escultura, objeto e instalação com minerais, pigmentos naturais e outros materiais, desde os anos 1970. Fez diversas exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior e intervenções artísticas, performances e obras sobre vários suportes e veículos de comunicação. Trabalha com textos poéticos, visuais e sonoros, poema visual, poema objeto tendo publicado livros e ensaios literários.

xico.chaves@yahoo.com.br

**ZALINDA CARTAXO**

Niterói, RJ, 1963

Doutora em artes pelas universidades de São Paulo e Federal do Rio de Janeiro. Professora-associada na Unirio, coordenando o mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. Representada pela galeria Amarelo Negro Arte Contemporânea. Desde 2006 participa de mostras individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Publicou em 2006 Pintura em distensão (Centro Cultural Telemar/Secretaria de Cultura de Estado do Rio de Janeiro) e, em 2012, Pintura e realidade. Realismo arquitetônico na pintura contemporânea. Adriana varejão e José Lourenço (Apicuri).

z.cartaxo@uol.com.br

**PARTICIPAÇÃO ESPECIAL****ALEXANDRE DACOSTA**

Rio de Janeiro, RJ, 1959

Cursou filosofia na Puc-Rio. É professor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Realizou 13 exposições individuais e mais de 70 coletivas no Brasil e no exterior, apresentando pinturas, esculturas, objetos, instalações e performances. Criou, com Ricardo Basbaum, a Dupla Especializada e, com Barrão, o grupo 6 Mãos. Recebeu dois prêmios de pintura: Ibeu (1985) e Secretaria de Cultura no XVIII Salão de Belo Horizonte (1986). Cantor, músico e compositor, tem CDs gravados, além de fazer trilhas sonoras para filmes e vídeos. Em cinema, como diretor e roteirista produziu 14 curtas-metragens, ganhando 11 prêmios em festivais. Ator, participou de mais de 40 filmes, 17 peças de teatro e musicais, seriados, minisséries e novelas. Poeta, lançou o livro [tecnopoética] (Ed. 7 Letras/2011)

www.alexandredacosta.blogspot.com  
www.soundcloud.com/alexandredacosta**CAROL MARIM**

São Paulo, SP, 1972

Doutora em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-doutoranda em filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina. Participa do Festival Panorama de Dança/RJ (2007). Residência no Sisyphé Care Project – Julie & Noche Gabrielle Mallet (2007). Recognized student na University of Oxford e bailarina visitante do grupo de dança Butoh Cafe Reason, Oxford/UK (2008-2009). Residência com João Fiadeiro, Bienal de Dança do Ceará (2010). Participação na 3rd Annual Conference of the Royal Musical Association Music and Philosophy Study Group at King College, Londres (2013). Bailarina contemporânea, performer desde 2000, participa do Grupo de Estudos Mergulho no corpo, em Florianópolis. Atualmente desenvolve o projeto Costuras do Real junto ao PopLab, grupo de estudos em filosofia e artes da Unirio/RJ.

caroline.marim@gmail.com

Exposição *Asas a Raízes*  
CAIXA Cultural Rio de Janeiro —  
Galeria 1

ABERTURA  
17 de janeiro às 17:30h

VISITAÇÃO  
18 de janeiro a 15 de março de 2015

Presidenta da República  
DILMA VANA ROUSSEFF  
Ministro de Estado da Fazenda  
JOAQUIM LEVY  
Presidente da Caixa Econômica Federal  
JORGE FONTES HEREDA

—

## EXPOSIÇÃO

Curadoria e expografia  
SONIA SALCEDO DEL CASTILLO  
Coordenação geral e iluminação  
CLÁUDIO ROSADO TORRES  
Produção  
ISABELLA SCHMIDT  
JULIA REBELLO  
Assistente de expografia  
VANESSA SANTOS  
Programação visual  
DIEGO AZEVEDO DE OTERO  
[divulgação e exposição]  
LUXDEV: GISELLE MACEDO  
[folder e catálogo]  
Revisão e padronização de textos  
MARIA HELENA TORRES  
Assessoria de imprensa  
BÁRBARA CHATAIGNIER  
Equipe de Montagem  
ADRIANO TRINDADE  
EVANDRO BEZERRA DOS SANTOS  
JOSÉ CLÁUDIO SILVESTRE  
LUIZ FERNANDO PICAÑO  
SERGIO PEIXOTO  
Plotagem  
GINGADESIGN: GASPAS FERNANDO

Tratamento de imagem  
Ô DE CASA  
Produção gráfica  
SIDNEI BALBINO

Mesa-redonda  
FERNANDO COCHIARALLE  
MARÍLIA PANITZ  
SONIA SALCEDO DEL CASTILLO

Participação especial  
ALEXANDRE DACOSTA  
CAROL MARIM

Agradecimentos  
NELSON RICARDO PINTO MARTINS  
PATRICIA BROMIRSK  
TINA VELHO  
RENATO BARATCHO

—

## CATÁLOGO

Organização editorial  
SONIA SALCEDO DEL CASTILLO  
Produção editorial  
CLÁUDIO ROSADO TORRES  
Design gráfico  
LUXDEV: GISELLE MACEDO  
Revisão e padronização de textos  
MARIA HELENA TORRES  
Fotografia  
RAFAEL ADORJÁN  
José Patrício [p.?]   
NENO DEL CASTILLO [p.81]  
VANESSA SANTOS [? 2ª e 3ª capa]  
Tratamento de imagem  
Ô DE CASA  
RAFAEL ADORJÁN  
Produção gráfica  
SIDNEI BALBINO  
Impressão  
GRAFITTO

---

CAIXA Cultural Rio de Janeiro (RJ)  
Av. Almirante Barroso, 25, Centro  
Telefone: (21) 3980 3815  
[www.facebook.com/  
CaixaCulturalRiodeJaneiro](http://www.facebook.com/CaixaCulturalRiodeJaneiro)  
Baixe o aplicativo CAIXA Cultural

APOIO



REALIZAÇÃO

Rosado Torres  
Produções Culturais

PATROCÍNIO

